

Viriato Corrêa
CAZUZA



COMPANHIA
EDITORA
NACIONAL

Porque este livro se chama CAZUZA

HÁ DEZ ANOS, quando morei nas Laranjeiras, era meu vizinho, na mesma rua, um sujeito alto, quarentão, um tanto calvo, que, à hora do meu bonde, descia comigo para a cidade, sobraçando grande pasta de couro.

Nunca lhe soube o nome.

Na rua e no bonde os conhecidos chamavam-lhe Cazuzza.

Um dia, o homem bateu à minha porta, pedindo-me cinco minutos de atenção. Entrou, abriu a pasta, tirou de dentro um grosso maço de manuscritos e disse-me:

— São as minhas memórias dos tempos de menino. O senhor, que escreve, veja se isto presta para alguma coisa.

Durante mês e meio não tive tempo de botar os olhos nos manuscritos. Mas, quando os comecei a ler, não vi mais, nem na rua nem no bonde, o homem que mos havia entregue.

Disseram-me que fora forçado a fazer uma viagem inesperada ao Paraná.

Os manuscritos intitulados HISTÓRIA VERDADEIRA DE UM MENINO DE ESCOLA interessaram-me logo às primeiras linhas.

Era diante de minha família, reunida, que eu lia os capítulos.

Quem mais gostava da leitura eram os meus sobrinhos, meninotes de oito a doze anos. Ou porque conhecessem o autor da história, ou porque a história, de fato, os divertisse, a verdade é que, à noite, estavam em derredor de mim, a esperar pela leitura.

No começo, mal terminava o jantar, era com estas palavras que eles insistiam:

— Titio, leia o livro que seu Cazuzza escreveu! Com o correr dos dias a frase ficou mais breve:

— Titio, leia o livro do Cazuzza!

Por último, era apenas com três palavras que os meninos exigiam a leitura:

— Leia o Cazuzza!

A História verdadeira de um menino de escola ficou reduzida a Cazuzza.

Passaram-se os tempos, e o homem, do qual eu nunca soube o verdadeiro nome, não mais me apareceu.

Mais tarde, ouvi dizer que havia morrido em Pernambuco.

E lá se vão dez anos e ninguém me reclamou os manuscritos.

Agora, um editor quer publicá-los. Não lhes parece que isso é, de alguma maneira, homenagem à memória do autor?

História verdadeira de um menino de escola é um bom título. Mas muito longo.

Achei melhor o título CAZUZA que os meninos, sem dar por isso, escolheram.
É mais curto. Profundamente infantil. E profundamente brasileiro.

As calcinhas

NÃO ME LEMBRO qual a minha idade quando ficou decidido que, no ano seguinte, eu entraria para a escola.

Mas eu devia ser muito e muito pequeno. Tão pequenino que não pronunciava direito as palavras e ainda chupava o dedo e vestia roupinhas de menina.

Mas não imaginem que eu fosse um menino excepcional, desses meninos-prodígios, ajuizados e sisudos, que não riem, não brincam e não saltam, dando à gente a impressão de que já nasceram velhos.

Pelo contrário. Eu era uma criança alegre, traquinas e estouvada, que vivia correndo pelo quintal e fazendo estripulias pela casa.

Dois motivos é que me deram vontade de estudar.

O primeiro deles — as calças. Desde que me entendi, tive a preocupação de ser homem e nunca me pude ajeitar nos vestidinhos rendados de menina. Sempre olhei com inveja os garotos mais taludos do que eu, não porque eles fossem maiores e gozassem regalias que os garotinhos não gozam, mas porque usavam calças.

Minha mãe prometia freqüentemente:

— Quando você entrar para a escola deixará dos vestidinhos.

E, por amor às calças, comecei a mostrar amor aos livros.

O segundo motivo é que o primeiro contato que tive com uma escola foi através de uma festa. E ficou-me na cabeça a idéia de que a escola era um lugar de alegria.

Eu conto a vocês.

Havia outrora nos sertões do Norte uma festa que hoje não mais existe em parte nenhuma. Chamava-se "festa da palmatória".



As escolas antigamente não tinham, às vezes, mobiliário que prestasse, material de ensino que servisse, professores que cuidassem das lições, mas... uma palmatória, rija, feita de boa madeira, não havia escola que não tivesse.

No espírito das crianças a palmatória tomava a feição de um monstro. Punham-se-lhe em cima todos os nomes feios. Chamavam-lhe a "danada", a "tirana", a "malvada", a "bandida".

A meninada vingava-se dela no fim do ano, fazendo-lhe uma festa gaiata, com algazarra e cantoria.

Era isso a 7 de dezembro, justamente no dia em que se encerravam as aulas. Festa de infinita singeleza e de infinita ingenuidade, como costumavam ser as festas infantis.